

Biblioteca Anarquista



Anarquismo: uma história do anti-racismo

Anônimo

Anônimo

Anarquismo: uma história do anti-racismo

Adquirido em 24/07/2019 de <https://arebeliao.wordpress.com/2019/05/30/anarquismo-uma-historia-do-anti-racismo/>

Tradução do original Anarchism, a History of Anti-Racism

bibliotecaanarquista.org

Conteúdo

Anarquistas no Movimento Internacional dos/as Trabalhadores	5
Anarquistas na Guerra contra o Fascismo	7
Anarquistas na luta contra o Imperialismo e o Neoliberalismo	8

“Que sentido queremos dizer quando falamos em respeito pela humanidade? Queremos dizer que o reconhecimento do direito humano e da dignidade humana são para todos os homens, de qualquer raça ou cor”. Mikhail Bakunin, 1867

Os anarquistas são socialistas libertários, por isso acreditamos que a igualdade social e a oportunidade para todas as pessoas devem substituir a propriedade, a riqueza e o privilégio como o principal valor da sociedade. Acreditamos também que, enquanto os governos existirem, eles serão um meio de criar e preservar a desigualdade. Os/As anarquistas acreditam que a igualdade social não pode ser alcançada sem a Associação Livre, a Ajuda Mútua e a Cooperação Voluntária. Os/As anarquistas sustentam que, até que todos estejam livres, ninguém estará livre. Acreditamos que é da natureza humana estar ciente do sofrimento dos outros e que nossa própria liberdade depende de nossa disposição de lutar pela liberdade dos outros. Como tal, não é de surpreender que os/as anarquistas se oponham ao racismo e sejam frequentemente encontrados no centro das lutas anti-racistas.

Mikhail Bakunin (em Três Palestras para os membros suíços da Internacional em 1871) atacou o Estado como “o patrimônio de alguma classe privilegiada” e o patriotismo como “o interesse solidário desta classe privilegiada”.

Além disso, “o patriotismo é um hábito ruim, estreito e desastroso, pois é a negação da igualdade e da solidariedade humanas”. Bakunin afirmou que “nenhuma guerra entre raças, nações, Estados e classes jamais tiveram outro propósito além da dominação, que é a condição necessária e garantia de posse e gozo de riqueza.” Além disso, “no fundo de toda guerra está apenas uma preocupação: a pilhagem, a aquisição da riqueza alheia e a subjugação do trabalho dos outros!” Para ele, o Estado seria um conjunto de instituições que protegeriam o dinheiro e a propriedade dos ricos e dos nacionalistas, ambos permitindo que os ricos dividam as classes exploradas para que possam explorar melhor, justificando as guerras para enriquecerem mais. Ele criticou as guerras nacionalistas e imperialistas travadas pela França, Alemanha e Rússia em meados do século XIX e também criticou o uso da religião para racionalizar essa exploração e guerra.

“*Ajuda mútua de Peter Kropotkin: Um fator evolutivo*” (1902) foi um dos primeiros livros a atacar o darwinismo social, a base teórica da supre-

macia branca. Kropotkin afirmou que a evolução foi impulsionada pela cooperação e não pela competição e exploração. Ele desafiou a ideia de que algumas pessoas estavam destinadas a governar os outros dizendo que era nosso instinto natural sermos repelidos pela injustiça e pela exploração. Ele desafiou a ideia de que as pessoas eram paroquiais/tribais por natureza, dizendo que os grandes avanços humanos resultaram da cooperação e não do separatismo ou da dominação.

“*Nacionalismo e Cultura*” de Rudolf Rocker (1937) foi uma das obras seminais do Anti-Racismo, Anti-fascismo e Anti-Nacionalismo. Rocker, um anarco-sindicalista alemão que escapou dos nazistas, afirmou que o nacionalismo é a base da tirania fascista e stalinista e que a doutrina da supremacia branca, criada para justificar a aristocracia e o nacionalismo europeus, é contradita por todos os fatos básicos da biologia, genética e psicologia. Onde os teóricos da raça europeia até se contradiziam.

Allowance” na Grã-Bretanha), aumento da tributação dos trabalhadores, fome e criminalização da falta de moradia. Os/As anarquistas estão se organizando contra o neofascismo, a supremacia branca e o racismo institucional da polícia, dos militares e das corporações.

Os anarquistas do movimento Autonomista Negro defenderam a auto-organização dentro das comunidades étnicas e locais de trabalho como uma solução para a discriminação econômica e o racismo institucional.

Anarquistas na luta contra o Imperialismo e o Neoliberalismo

Durante a década de 1950, na França, o Movimento Anarquista se opôs à guerra francesa contra o Vietnã e depois reagiu ao início da guerra de independência argelina (contra a França) com a manchete “Norte da África: um único povo lutando contra o imperialismo assassino”. Em razão da contínua oposição da Federação Anarquista Francesa à guerra racista dos governos franceses na Argélia, os/as anarquistas viram suas reuniões serem atacadas (em uma ocasião com armas e granadas), seu jornal foi banido várias vezes e em março de 1961 o escritório de seu jornal e a livraria de Paris foram bombardeados, com a enorme explosão o prédio foi demolido.

Durante os anos 1950 e 1960, os/as anarquistas participaram do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos. Nos anos 1960 e 1970, os/as anarquistas se organizaram contra a guerra americana no Vietnã. Levantes em Paris, Cidade do México e outros em 1968 ajudaram a despertar um interesse crescente nas ideias anarquistas. Após o colapso do leninismo em 1989, movimentos anarquistas surgiram na África do Sul/Azânia (Federação de Solidariedade dos Trabalhadores), Nigéria (Liga da Conscientização), Turquia e Líbano e o movimento na América Latina, Ásia, Austrália e Europa Oriental está crescendo. Anarquistas na África estão se organizando contra ditaduras pós-apartheid, a repressão trabalhista e o racismo. Os/As anarquistas organizaram movimentos em oposição à “Guerra do Golfo” de 1991 e prestaram solidariedade com a rebelião indígena dos zapatistas em Chiapas, no México.

Nos últimos anos, os/as anarquistas participaram de campanhas pelos direitos dos/as imigrantes na Europa e nos Estados Unidos. Os/As anarquistas se organizaram contra o “workfare” (chamado “Job Seekers

Anarquistas no Movimento Internacional dos/as Trabalhadores

Na virada do século, as ideias anarquistas se espalharam rapidamente para fora da classe trabalhadora europeia e tornaram-se populares entre os trabalhadores da Ásia (em particular da Coreia, China e Japão) e da América Latina. Na Europa Oriental, o anarquismo tornou-se popular entre as comunidades judaicas e, à medida em que pessoas dessas comunidades fugiam da pobreza e dos pogroms, traziam ideias anarquistas para os EUA e a Grã-Bretanha. Nos EUA, o anarquismo influenciou a IWW (Industrial Workers of the World) como o primeiro sindicato a organizar conjuntamente trabalhadores “brancos”, trabalhadores negros e imigrantes chineses. Em Cuba, o anti-racismo era uma parte fundamental do trabalho anarquista organizado entre os escravos libertos.

Os/As anarquistas organizaram sindicatos e lutaram contra a ocupação espanhola e a intervenção tardia dos EUA. Nos primeiros anos do século XX, o anarquismo já era um movimento multicultural que se espalhou por toda a classe trabalhadora global. As ondas de repressão contra os/as anarquistas, juntamente com a pobreza das comunidades de que muitos deles vieram, significaram que em muitos países o movimento incluía imigrantes de todo o mundo.

Em lugares onde o movimento anarquista era forte, essa oposição ao racismo e ao imperialismo foi traduzida em ação. Em 1909, os/as anarquistas de Barcelona desempenharam um papel importante ao iniciar uma greve geral contra o recrutamento militar para a guerra no Marrocos. Em 1912, os/as anarquistas desempenharam um papel significativo na revolução mexicana com movimentos indígenas, como os zapatistas que assumiram a exigência anarquista de “Terra e Liberdade” e centenas

de membros da IWW se uniram aos anarquistas mexicanos para libertar uma grande parte do norte do México.

Em “A solidariedade do trabalho não deveria conhecer nem raça nem cor” (Regeneración, 1913), o anarquista mexicano Ricardo Flores Magon criticou Eugene V. Debs do Partido Socialista Americano por afirmar que os mexicanos eram “demasiado ignorantes para lutar pela liberdade”. Ele pediu aos trabalhadores europeus a seguirem seu exemplo.

Durante a Revolução Russa, o Exército Makhnovista, influenciado pelos anarquistas, libertou grande parte do leste da Ucrânia. Esta região estava contaminada pelo anti-semitismo, até mesmo as unidades do Exército Vermelho foram responsáveis por até 500 mortes em Pogroms apenas em 1919! Os/As Makhnovistas forneceram armas para as comunidades judaicas, permitiram que os judeus formassem unidades separadas em seu exército, se assim o desejassem e declarassem:

“Seu dever revolucionário é sufocar toda a perseguição nacionalista, lidando impiedosamente com os instigadores de pogroms anti-semitas [ataques racistas]...”

Anarquistas na Guerra contra o Fascismo

Como o fascismo surgiu nos anos 1920 e 1930, os/as anarquistas eram frequentemente encontrados no coração dos movimentos antifascistas. Em 1920, na Itália, quando a aliança antifascista Arditi del Popolo emergiu para combater fisicamente os fascistas, os/as anarquistas eram frequentemente seus organizadores locais. Na Espanha, a CNT (Confederação Nacional do Trabalho, organização de classe anarco-sindicalista) administrou com sucesso a economia de partes da Espanha enquanto lutava em duas frentes contra os falangés (fascistas) espanhóis e seus aliados: os militares, a aristocracia e a igreja (mais a ajuda militar de Mussolini e Hitler) durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). No Japão (1903-1923), os/as anarquistas se organizaram contra o sistema imperial e o militarismo japonês. Anarquistas coreanos lutaram contra a invasão japonesa da Coreia e por um tempo libertaram um grande segmento do norte do país. Na China, os/as guerrilheiros/as anarquistas lutaram contra os manchus (monarquistas), os guomindang (nacionalistas) e os japoneses. Chu Chapei, um organizador guerrilheiro anarquista na província de Yunan, no sul da China, se inspirou em Nestor Makhno. Mesmo depois que os fascistas chegaram ao poder, os/as anarquistas foram à clandestinidade, tentando assassinar Hitler e Mussolini em várias ocasiões. Muitos morreram em campos de concentração ou foram assassinados/as por stalinistas tentando criar ditaduras de estilo russo. Anarquistas que haviam participado da Guerra Civil Espanhola fugiram para a França, onde lutaram com os Maquis (Resistência Francesa contra os Nazistas) e para Cuba, México e Argentina, onde ajudaram a organizar movimentos trabalhistas anarquistas.